

teriosa relação que a legalidade tinha de contrair com a individualidade a fim de nascer beleza humana; daí chegou aos problemas gerais e achou finalmente que seus pensamentos e suas descobertas se pareciam com certas insinuações aparentemente felizes do sonho, as quais, a uma mente sóbria, demonstravam ser completamente insípidas e inúteis. Depois do jantar permaneceu no parque com seu perfume noturno, fumando, sentando, passeando; deitou-se cedo e passou a noite num sono contínuo e profundo, porém animado por vários sonhos.

O tempo não estava propício no dia seguinte. Havia vento terrestre. Sob um céu coberto, o mar estava numa calma embotada, como que enrugado, com horizonte próximo e prosaico e tão recuado da praia que deixava expostas várias carreiras de extensos bancos de areia. Quando Aschenbach abriu sua janela, acreditou sentir o cheiro podre da laguna.

Sentiu-se aborrecido. Já nesse momento pensou em partir. Uma vez, há anos, depois de alegres semanas primaveris, um tempo como êste apresentara-se-lhe aqui e prejudicara sua saúde de tal maneira que tivera de deixar Veneza como um fugitivo. Já não pareciam de novo o desgosto febril, a pressão nas têmporas, o pêso nas pálpebras, daquela vez? Trocar mais uma vez o paradeiro seria desagradável, mas se o vento não mudasse sua permanência era impossível. Por segurança não desalmou tudo. Às nove horas tomou o café na sala destinada para êste fim, entre o saguão e a sala de jantar.

Na sala reinava o solene silêncio que é a ambição dos grandes hotéis. Os garçons andavam sôbre solas silenciosas. Um tinir da louça de chá, uma palavra murmurada, era tudo o que se ouvia. Num canto, obliquamente do outro lado da porta e distante duas mesas da sua, Aschenbach notou as moças polonesas com sua preceptora. Muito eretas, o cabelo louro-cinza alisado recentemente, de olhos avermelhados, em vestidos de linho azul engomados, com pequenas golas e punhos brancos, lá estavam sentadas e passavam, uma para a outra, o vidro de geléia. Já estavam terminando a refeição. O menino faltava.

Aschenbach sorriu. Então, pequeno feácio! pensou. Você parece ter o privilégio de dormir até a hora que desejar. E repentinamente alegrado, recitou para si mesmo o verso:

Muitas vêzes transformavam, jóias e banhos mornos e descanso.

Tomou seu café sem pressa e recebeu da mão do porteiro, que entrou na sala com o boné engalanado na mão, alguma correspondência remetida e abriu algumas cartas, fumando um cigarro. Assim acontecendo foi que ainda presenciou a chegada do dorminhoco que era esperado, lá do outro lado.

Veio pela porta de vidro e, no silêncio reinante, atravessou a sala para a mesa de suas irmãs. Seu andar, assim como o porte de seu corpo, o movimento dos joelhos, o pisar do pé calçado de branco, eram